

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: O PLANTÃO PSICOLÓGICO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

REPORT OF THE EXPERIENCE OF THE SUPERVISED CURRICULAR INTERNSHIP DURING COVID-19'S PANDEMIC: THE PSYCHOLOGICAL WORK IN THE PERSPECTIVE OF CULTURAL-HISTORICAL PSYCHOLOGY

RELATO DE LA EXPERIENCIA DE PRÁCTICA CURRICULAR SUPERVISADA DURANTE LA PANDEMIA DEL COVID-19: EL TRABAJO PSICOLÓGICO EN LA PERSPECTIVA DE LA PSICOLOGÍA HISTÓRICO-CULTURAL

Talita Regina Santos Ferreira ¹

Flavia Diniz Roldão ²

Manuscrito recebido em: 27 de novembro de 2022.

Aprovado em: 15 de janeiro de 2023.

Publicado em: 31 de janeiro de 2023.

Resumo

O objetivo do texto é relatar uma experiência de atendimento em Plantão Psicológico fundamentado nos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural. Os plantões foram realizados no serviço da Clínica-Escola de uma faculdade particular da cidade de Curitiba no período de setembro a dezembro de 2020, na modalidade on-line, tendo em vista as restrições aos atendimentos presenciais devido à pandemia da Covid-19. Tais atendimentos aconteceram durante um período de quatro horas em quatro dias da semana, no turno da tarde. Os casos atendidos apresentaram variadas demandas, estando muitas delas diretamente relacionadas a impactos advindos das incertezas provenientes do momento histórico, social e político vivenciado pelos sujeitos. Em vista disso, buscou-se favorecer o posicionamento dos sujeitos em relação à sua história e possibilitar reflexões e construções de sentido que favorecessem o desenvolvimento de diferentes estratégias de enfrentamento dos desafios vivenciados, considerando as possibilidades e necessidades de cada pessoa atendida. Esse trabalho exigiu uma postura ativa, crítica e criativa por parte da estagiária e permitiu, além do desenvolvimento de estratégias de ação para Plantão Psicológico, a prática de intervenções clínicas fundamentadas nos pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural.

Palavras-chave: Estágio; Psicologia; Prática Profissional.

Abstract

The purpose of this text is to report an experience of attendance in Psychological Duty that is based on the assumptions of Historical-Cultural Psychology. The shifts were carried out at the Clinic-

¹ Especialista em Psicopedagogia Institucional e Psicologia Escolar e Educacional pelo Centro Universitário Internacional. Professora dos Anos Iniciais no Ensino Fundamental nas redes municipais de Colombo e Curitiba.

ORCID <https://orcid.org/0000-0001-8117-9046> e-mail: taliregin@gmail.com

² Doutora em educação pela Universidade Federal do Paraná. Professora no UNIBRASII Centro Universitário. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa - Pedagogia, Complexidade e Educação e do Grupo Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1598-3989> e-mail: flaviaroldao@gmail.com

School service of a private college in the city of Curitiba from September to December 2020, in the online modality, in view of the restrictions on face-to-face consultations due to the Covid-19 pandemic. Such consultations took place during a period of four hours on four days of the week in the afternoon shift. The cases attended presented varied demands, many of which were directly related to impacts arising from the uncertainties arising from the historical, social and political moment experienced by the subjects. In view of this, we sought to favor the positioning of people in relation to their history and enable reflections and constructions of meaning that favor the development of different strategies to face the challenges experienced, considering the possibilities and needs of each person served. This work required an active, critical and creative attitude on the part of the intern, and allowed, in addition to the development of action strategies for Psychological Duty, the practice of clinical interventions based on the assumptions of Historical-Cultural Psychology.

Keywords: Stage; Psychology; Professional practice.

Resumen

El propósito de este texto es relatar una experiencia de asistencia al Deber Psicológico que se fundamenta en los presupuestos de la Psicología Histórico-Cultural. Los turnos se realizaron en el servicio de Clínica-Escuela de un colegio privado de la ciudad de Curitiba de septiembre a diciembre de 2020, en la modalidad en línea, ante las restricciones en las consultas presenciales debido a la pandemia de Covid-19. Dichas consultas se realizaron durante un período de cuatro horas los cuatro días de la semana en el turno de la tarde. Los casos atendidos presentaron variadas demandas, muchas de las cuales estaban directamente relacionadas con impactos provenientes de las incertidumbres derivadas del momento histórico, social y político vivido por los sujetos. Frente a ello, se buscó favorecer el posicionamiento de las personas en relación a su historia y posibilitar reflexiones y construcciones de sentido que favorezcan el desarrollo de diferentes estrategias para enfrentar los desafíos vividos, considerando las posibilidades y necesidades de cada ser atendido. Este trabajo requirió una actitud activa, crítica y creativa por parte del interno, y permitió, además del desarrollo de estrategias de acción para el Deber Psicológico, la práctica de intervenciones clínicas basadas en los presupuestos de la Psicología Histórico-Cultural.

Palabras clave: Pasantía; Psicología; Práctica profesional.

Introdução

“[...] a humanização não é inata, mas sim, um processo social que se constitui [também] nas relações de ensino-aprendizagem [...]”
(ROLDÃO et. al., 2020)

A atuação do psicólogo tem se expandido ao longo da história da Psicologia. Tal alargamento se dá devido aos novos dilemas e desafios presentes na contemporaneidade, e estão relacionadas às diversificações de estratégias de atendimento em saúde mental e às possibilidades de acesso da população aos serviços.

Especialmente desde o fim do ano de 2019, novas demandas na área da saúde mundial têm impactado diretamente questões sociais, culturais, políticas, emocionais e econômicas e trazido novos obstáculos a serem superados pelos profissionais da saúde mental. A pandemia ocasionada pela Covid-19 estimulou mudanças significativas na forma de os sujeitos se relacionarem com a sociedade. Naturalmente, tal situação tem implicações nas intervenções que visam a manutenção da saúde psicológica dos indivíduos e na relação estabelecida entre as pessoas e os serviços de saúde. Concordamos com Nerling e Darroz (2021, p. 2) que assumem: “o ano de 2020 trouxe uma nova realidade e muitos desafios para o mundo inteiro”.

De acordo com a Cartilha de Saúde Mental e Atenção Psicossocial da Fiocruz (FIOCRUZ, 2020), estima-se que cerca de um terço da população brasileira sofreu intensamente os impactos psicossociais da pandemia em 2020; em alguns casos, essa repercussão pode inclusive ter se configurado em um transtorno mental. Dessa forma, para atender a demanda social e manter, ao mesmo tempo, o zelo pelos protocolos de saúde, diversas IES públicas e privadas, ofereceram à população serviços de atendimento psicológico on-line em diferentes modalidades — dentre elas, o Plantão Psicológico.

O contexto pandêmico demandou das Instituições de Ensino Superior (IES) uma reorganização das formas de efetuação das aulas e dos estágios curriculares, por conta do necessário distanciamento social exigido. Para Jacinto (2021) os estágios estiveram no centro dos debates, uma vez que houveram diversas dúvidas a respeito da sua efetividade dentro da modalidade à distância, bem como em relação à sua legalidade e à adesão dos estudantes. Assim, coube às IES elencar estratégias para a manutenção de ações educacionais que favorecem a continuidade do processo de formação acadêmico-científica e o engajamento dos estudantes.

Nesse sentido, o presente artigo contribui com um relato de experiência de estágio curricular supervisionado sendo esse um componente curricular obrigatório na formação em Psicologia, exercendo um importante papel na medida em que promove a aproximação do profissional com os contextos práticos de atuação (JACINTO, 2021). O estágio foi desenvolvido na forma de atendimentos em atividades de Plantão Psicológico, conduzidos sob os pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural.

Estágio Curricular Supervisionado em Tempos de Covid-19: o Plantão Psicológico

A estratégia de atendimento à saúde mental em Plantão Psicológico busca responder às necessidades encontradas em contextos de sofrimento, crises, catástrofes e emergências diversas. Barros, Seixas e Cardoso (2022) apontam, que quanto melhor a saúde de um indivíduo, melhor será a sua qualidade de vida. Assim, tomando como cenário a situação da saúde mundial no ano de 2020, com a pandemia, exploramos a contribuição que pode ser oferecida à população por meio da estratégia do Plantão como modo de cuidado em um estágio curricular supervisionado desenvolvido pela primeira autora, sob supervisão da segunda autora.

As medidas de proteção e prevenção para o enfrentamento da pandemia enfatizaram a necessidade do isolamento e do distanciamento social (DANZMANN; SILVA; GUAZINA, 2020). Esses comportamentos têm exigido da população mudanças na organização de suas atividades cotidianas, bem como de suas relações e vivências, o que contribuiu para o desenvolvimento ou agravamento da saúde mental, tendo em vista o período prolongado de afastamento social (LACERDA et, al. 2022), nesse sentido, pode se dizer que, essa alteração na rotina cotidiana teve implicações uma vez que, o desenvolvimento humano se dá nas relações sociais e nas vivências dos sujeitos (DIAS; PEREIRA, 2019).

Pereira et al. (2020) enfatizam que diversos fatores podem contribuir para a manifestação de ansiedade e depressão em uma pandemia, já que essas são respostas esperadas frente a situações de estresse. Nesse sentido, é importante compreender a relação dessas manifestações com o contexto, uma vez que há um cenário histórico, social, econômico e político que propicia o aparecimento de tais sentimentos. Numa perspectiva histórico-cultural, pode-se entender que:

a ideia de patologia como entidade portadora de uma gênese universal é posta em xeque, permitindo assim analisar o mal-estar e o transtorno como resultantes de um tipo de configuração que integra todos os processos das redes de relacionamentos e atividades mais significativas da pessoa no momento atual de sua vida. (REY, 2011, p. 86)

Ao considerar, então, o aparecimento de sentimentos como ansiedade, medo e insegurança, entre outros, como resposta a situações de estresse, e compreendendo a complexidade das relações estabelecidas em vivências estressoras, é possível entender a importância do apoio psicológico nesses contextos.

Para Lacerda et al. (2022 p. 11), “essas situações evidenciam a necessidade de construção de estratégias de cuidado em saúde mental que incluem intervenções psicológicas semelhantes às que são observadas em outros contextos de emergências”. Diante disso, vários profissionais têm se mobilizado no sentido de prestar auxílio e acolher as pessoas que estão em sofrimento psíquico devido às implicações da pandemia. Para isso, uma das possibilidades encontradas foi o atendimento on-line (PEREIRA et al., 2020) em uma prática de estágio curricular, que tem por característica o seu caráter profissionalizante.

De nossa parte, apontamos a importância não apenas de não descuidar, mas sim de proativamente cuidarmos da saúde mental da população nesse caótico momento mundial. Na dinâmica de atendimento do Plantão, a demanda apresentada pela pessoa parte de sua experiência imediata. Nesse caso, Danzmann, Silva e Guazina (2020) afirmam que as ações da psicologia são interventivas, uma vez que possibilitam a elaboração de um plano de atendimento focal, que busca acolher as necessidades emocionais de diferentes grupos.

Assim, o Plantão Psicológico se apresenta como uma possibilidade de atendimento no contexto pandêmico, na medida em que tem por objetivo ser um atendimento breve, que considera a experiência pessoal imediata de quem o procura e na qual o plantonista que realiza o atendimento ouve, acolhe, acompanha (GOMES, 2012) e intervém de modo focal.

A psicoterapia e o plantão psicológico são metodologias de trabalho que exigem uma série de habilidades e conhecimentos para serem executadas de maneira competente e ética. Dessa maneira, considera-se de suma importância que os estudantes de psicologia tenham a oportunidade de vivenciar a prática clínica ainda na graduação. (MEDEIROS et al., 2022, p. 179)

Mediado pela tecnologia, o Plantão Psicológico constituiu e ainda se constitui como uma oportunidade de acesso ao serviço de saúde pelas pessoas que necessitam de apoio para ressignificar os sentimentos provenientes de incertezas e inseguranças frente à situação da pandemia e às consequências dela advindas.

O Plantão Psicológico e a Psicologia Histórico-Cultural

A partir do cenário histórico dos últimos anos, em especial o cenário da saúde mundial, o Plantão Psicológico tem emergido como uma oportunidade de ampliação dos serviços de Saúde Mental. De acordo com Scorsolini-Comin (2015), a proposta de atendimento em Plantão Psicológico teve início no Brasil em 1969, no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Baseado inicialmente no modelo de Aconselhamento Psicológico proposto por Carl Rogers, em que a pessoa é o centro da intervenção, ele se direciona para acolher a demanda imediata e atendê-la na situação por ela apresentada no aqui e agora. Conforme apontam Rebouças e Dutra (2010, p.26):

nesse sentido, o psicólogo, no Plantão Psicológico, independente de onde esteja ou do nome que recebe, estará ali para atender a pessoa, focalizando a sua atenção nesta e não no problema. Dessa forma, a eficácia do Plantão Psicológico não está relacionada à resolução da problemática em questão, já que a prioridade não é a queixa, mas o mundo de significados daquela pessoa, e o papel do psicólogo é ajudá-la a refletir e buscar novas maneiras para lidar com as suas dificuldades.

Essa reflexão, realizada entre psicólogo e pessoa atendida, acontece numa relação de interação — desvelando, na Psicologia Histórico-Cultural, uma relação dialógica que permite ao profissional construir os sentidos e significados daquele sofrimento psíquico apresentado (LIMA; CARVALHO, 2013). Assim, nessa abordagem, a psicoterapia se dá a partir da compreensão do contexto social e, dessa forma, “retira do sujeito o prognóstico de que suas dificuldades são causas intrínsecas e isoladas em si mesmas” (LIMA; CARVALHO, 2013, p. 159). Esse talvez se configure num dos principais desafios do atendimento em Plantão Psicológico nessa perspectiva, na medida em que a demanda que a pessoa traz deve ser percebida como parte de um contexto mais amplo que afeta suas relações e influencia diretamente a origem e a manutenção da sua queixa, e deve ser considerado também ao pensarmos no tratamento.

González Rey (2012) discorre sobre a posição do sujeito na Psicoterapia Histórico-Cultural — posição esta que sustentamos caber também na prática do Plantão Psicológico:

ao sujeito é atribuído um lugar, essencial, é o sujeito que realiza a crítica, quem toma posições em suas práticas sociais que podem produzir mudanças. O sujeito de forma ativa regula o emprego de seus recursos subjetivos diante das demandas da ação e sobre a base das suas necessidades. (REY, 2012, p. 65)

Numa situação de um único encontro no Plantão Psicológico, pode-se dizer que geralmente a pessoa ainda não conseguirá atingir com autonomia essa posição mais ativa, sendo necessária a mediação do psicólogo. Assim, a função do profissional, na perspectiva histórico-cultural, é trabalhar pelo diálogo nas configurações subjetivas do conflito e no modo e qualidade de vida. No espaço dialógico entre o psicólogo e a pessoa que buscou o Plantão, novos processos de sentido subjetivo aparecem; estes devem ajudá-la a assumir um estilo de vida diferente que tenha impacto em sua saúde. Ou seja, o psicoterapeuta promove uma ação facilitadora da emergência ativa da pessoa (REY, 2007).

Apontamos que é importante compreender que o atendimento em Plantão Psicológico na maioria das vezes não é capaz de promover uma mudança radical imediata, uma vez que, para isto, seria necessário o desenvolvimento de ações promovidas pela própria pessoa, a fim de gerar “espaços próprios de subjetivação que lhe permitam um desenvolvimento diferenciado nos espaços de subjetividade social” (REY, 2007, p. 144). É preciso tempo para que a ressignificação do que foi dialogado no atendimento em Plantão Psicológico seja posto em prática. Essas ações poderão propiciar, entretanto, espaços de subjetivação individuais que, numa perspectiva histórico-cultural, poderão ter implicações posteriores nas relações estabelecidas pela pessoa e, assim, promover o seu desenvolvimento.

Método

O relato é resultante do serviço de acolhimento psicológico na modalidade de Plantão Psicológico oferecido no estágio curricular supervisionado conduzido no Serviço Escola do curso de Psicologia de uma IES privada de Curitiba-PR. Sendo esses espaços essenciais para a formação do profissional, pois possibilita aos estudantes a prática debatida em sala de aula, além de se configurar num espaço de oferta de serviços e intervenção para a comunidade (MEDEIROS et al. 2022). Os protocolos de atendimento foram organizados pela coordenação do Serviço e pelos docentes, em parceria com os alunos dos 9º e 10º períodos do curso de Psicologia da instituição. O serviço foi oferecido a partir do mês de agosto do ano de 2020, na modalidade on-line, para pessoas a partir de 18 anos, exceto para as com ideação suicida, uma vez que essa particularidade exige intervenções que realizem encaminhamentos e acompanhamentos mais amplos.

O oferecimento do serviço como parte do estágio curricular teve como objetivo a continuidade da formação dos acadêmicos dos 9º e 10º períodos no contexto da disciplina de Estágio Supervisionado em Psicologia I e II e ocorreu durante o período da pandemia; por isso, a oferta também levou em consideração a importância do apoio psicológico dadas as implicações em Saúde Mental e as restrições advindas da necessidade do isolamento social. Ao solicitar o atendimento, as pessoas realizaram o aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que continha uma breve caracterização do serviço oferecido, bem como a garantia de seus direitos éticos, em observância ao Código de Ética Profissional do Psicólogo.

A experiência relatada se refere ao estágio realizado pela primeira autora do artigo no período de setembro a dezembro de 2020, quando ela realizou atendimentos de pessoas residentes, ou que estavam presentes nesse período, na cidade de Curitiba e sua Região Metropolitana. A prática foi supervisionada pela segunda autora. Tais consultas aconteceram nos períodos da tarde ao longo dos dias úteis da semana. O conteúdo dos atendimentos não foi publicado, e foram suprimidas do relato a identidade e qualquer identificação das pessoas atendidas, a fim de garantir seu anonimato.

A abordagem utilizada para fundamentar teoricamente a prática dos atendimentos foi a Psicologia Histórico-Cultural. A estagiária buscou elencar as possibilidades de enfrentamento das demandas apresentadas a partir de um posicionamento autônomo das pessoas atendidas, tentando compreender também a complexidade da demanda a partir das relações históricas, sociais e culturais de cada um, assim como os sentidos por elas construídos acerca de suas vivências naquele momento de suas vidas.

A construção do conhecimento dessa experiência vivenciada pela estagiária foi realizada qualitativamente (REY, 2002; 2005) por meio de uma ação construtivo-interpretativa de sentidos que acompanhou todos os momentos do processo de diálogo entre a pessoa atendida e a psicoterapeuta nos atendimentos do Plantão Psicológico. Dessa experiência foram construídos alguns indicadores, cuja análise e discussão passaremos desenvolver a seguir.

Indicadores e Discussões

A experiência vivenciada sinalizou que as demandas de sofrimentos acolhidos no Plantão poderiam ser agrupadas em três indicadores principais: alterações de humor; questões de relacionamento interpessoal; e conflitos existenciais. Os atendimentos realizados buscaram desenvolver diferentes estratégias de acolhimento e escuta empática das demandas, assumindo a psicoterapeuta uma postura de não neutralidade e atuando na Zona de Desenvolvimento Proximal, possibilitando, assim, a ação interventiva (REY, 2007; DIAS, 2005).

Cabe ressaltar que, embora Rey (2007) utilize o termo zona de desenvolvimento proximal em suas pesquisas, Prestes (2010) defende que a tradução que mais se aproxima do conceito *zona blijaichego razvitia* é Zona de Desenvolvimento Iminente, uma vez que esta se caracteriza pelas possibilidades de desenvolvimento criadas a partir das atividades em colaboração.

Desse modo, ação interventiva na Zona de Desenvolvimento Iminente exigiu uma postura dialógica da psicoterapeuta para possibilitar a produção de diferentes zonas de diálogo.

O aspecto interacional da teoria precisa ser representado no contexto da clínica psicoterápica a partir de uma postura por parte do terapeuta que vise sempre o diálogo. A pessoa em tratamento e o terapeuta necessitam criar um ambiente simbólico interativo onde ambas as vozes sejam significativas e criadoras de sentido [...] os dois sujeitos precisam participar ativamente do processo para que o diálogo ocorra [...] O diálogo na psicoterapia histórico-cultural é visto como parte do processo de mediação simbólica que deve ocorrer para que o sujeito aprenda e se desenvolva. (CLARINDO, 2020, p. 68)

Esse aspecto dialógico na clínica histórico-cultural permite ressignificar sentidos e significados e propor a conscientização a respeito de comportamentos fossilizados (CLARINDO, 2020).

Portanto, foi de extrema importância compreender que na perspectiva Histórico-Cultural os processos patológicos se relacionam com as experiências vivenciadas pelos sujeitos, de forma a ser considerado um processo vivo e dinâmico, que dificulta o estabelecimento de relações da pessoa com o seu contexto e que pode ser capaz de impedi-la de “encontrar novas possibilidades frente aos processos que lhe afetam e de alguma forma geram danos à sua saúde” (FERREIRA; ROLDÃO, 2021, p. 37).

Portanto, foi de fundamental importância observar os aspectos da pandemia que exigiu da população mudanças nas formas de organização da sua rotina e na maneira de vivenciar suas relações sociais na medida em que tais aspectos contribuíram para o “desenvolvimento ou agravamento das questões de saúde mental” (LACERDA et al., 2022, p.8).

Diante da dinamicidade do Plantão Psicológico, o acolhimento aconteceu com a escuta empática das demandas apresentadas pelas pessoas atendidas — sendo esta a “principal ferramenta de construção e fortalecimento do vínculo entre psicoterapeuta e pessoa em tratamento” (CLARINDO, 2020, p. 134).

Para a construção de significados acerca de cada um dos indicadores, foi importante a concepção de que a relação entre pessoa e realidade é sempre mediada pela cultura e pelos valores do tempo social e histórico a ela contemporâneos (ZANELLA, 2004). Nesse sentido, foi relevante também considerar a história de vida atual da pessoa, as relações estabelecidas por ela com outras e com a realidade objetiva e os sentidos e significados que ela própria atribuiu à sua demanda, constituindo uma tentativa, por parte da psicoterapeuta, de compreender o fenômeno psicológico em sua totalidade.

- Alterações de Humor

Em relação ao indicador *alterações de humor*, as queixas de ansiedade, medo e sintomas depressivos foram as mais comuns. Essas alterações eram provenientes das mais diversas situações, nas quais percebemos que o contexto como um todo teve influência significativa.

Almeida (2018) defende que, numa perspectiva de determinação social dos processos de saúde e doença, é fundamental entender o nexo entre as dimensões biopsíquicas e históricas, na medida em que o aumento ou a diminuição de algumas formas de sofrimento psíquico não têm razões exclusivamente biológicas, mas também características das formações sociais de cada momento histórico. Ou seja, ainda que haja uma influência biológica no desenvolvimento dos sintomas, o contexto acaba por objetificar as relações que a pessoa estabelece e, por isso, impossibilita a apropriação do seu papel ativo frente à demanda apresentada (FERREIRA; ROLDÃO, 2021).

Entende-se, então, que as alterações de humor narradas pelas pessoas atendidas tinham relação também com o momento histórico imposto pela pandemia, uma vez que “sujeito e sociedade não fazem parte de uma realidade estática, previamente dada, impermeável, mas são produzidos nas relações, nos entrelaçamentos” (ABDALA et al., 2021, p.10).

Dessa forma, o desenvolvimento do atendimento pela psicoterapeuta considerou fatores contextuais que influenciavam o sofrimento psíquico, na tentativa de romper a lógica da “mente como algo fechado, intrapsíquico, que é responsável pelos problemas que temos e diante da qual nada podemos fazer” (REY, 2011, p. 93).

No entanto, realizar esse movimento de rompimento não é fácil, pois exige uma postura ativa de ressignificação pela própria pessoa implicada na situação. É necessário compreender que os problemas psicológicos emergem permeados intrinsecamente pela influência do contexto nas ações e relações da pessoa, de forma que emoções contrárias ao seu desenvolvimento e ao seu bem-estar aparecem em diferentes campos de sua atividade. A pessoa não consegue abrir espaços para novas subjetivações, o que possibilita a perpetuação do problema e o aprofundamento do conflito. Novas significações podem ser oportunizadas a partir do diálogo com o possível motivo desse problema (REY, 2007). Assim, é importante que haja um movimento, uma ação de ressignificação, e mudança concreta de atitudes por parte da pessoa.

Com base nessa perspectiva, e prevendo uma ação concreta das pessoas atendidas, as queixas relacionadas a ansiedade e medo provenientes do contexto sócio-histórico da pandemia foram trabalhadas a partir da busca pela realização concreta de atividades com função terapêutica e que tivessem sentido para cada pessoa, como andar de bicicleta, fazer uma caminhada na quadra, entre outras. A proposta para elencar tais atividades partiu de reflexão conjunta entre pessoa atendida e psicoterapeuta sobre quais seriam possíveis de realizar em face do contexto pandêmico e a forma com que elas poderiam atuar na manutenção de saúde mental, possibilitando a escolha consciente de cada atividade, relacionada à materialidade da vida.

Em relação às queixas de sintomas depressivos, foi necessário realizar uma breve avaliação a respeito dos sentidos e significados atribuídos ao que cada pessoa nomeou como sintoma. Nesse sentido, a escuta sensível foi fundamental, com base na compreensão da depressão “como síntese de múltiplas determinações no movimento dialético do singular-particular-universal” (ALMEIDA, 2018, p. 323). Dessa forma, a análise dos sentidos e significados dos sintomas foi construída na relação entre a pessoa atendida e a psicoterapeuta, na tentativa de elencar possibilidades de intervenção mais pontuais para o momento e, quando necessário, o encaminhamento para atendimentos mais amplos.

Assim, para a realização das intervenções com o indicador *alterações de humor*, foi importante compreender que a determinação social do sofrimento psíquico possibilita uma ampliação da concepção de transtorno mental, o que oportuniza uma mudança de postura da psicoterapeuta, uma vez que se parte do pressuposto de que aquela demanda é fruto de um contexto proveniente da experiência imediata e mediada.

- Relações Interpessoais

Os atendimentos realizados a partir do indicador *relações interpessoais* se concretizaram por meio de queixas referentes a términos de relacionamentos afetivos, distanciamento de familiares e percepção de alterações nas relações sociais, afetivas, amorosas e de trabalho. Muitas das demandas tinham relação com restrições impostas pelos protocolos de saúde, na medida em que o isolamento social culminou num distanciamento das relações sociais que, naquele momento, eram mediadas, quase que exclusivamente, pela tecnologia — mas que, de acordo com as pessoas atendidas, muitas vezes se faziam insuficientes para a satisfação de suas necessidades concretas.

Assim, foi necessário compreender a complexidade das relações interpessoais mantidas, rompidas ou em processo de reconfiguração, considerando que, “o homem se constrói a partir de suas vivências. Compreender o ser humano implica conhecer as relações interpessoais, sociais e históricas que permeiam o mundo ao seu redor e que constituem a matéria prima para a atuação do psicólogo” (DIAS; PEREIRA, 2019, p. 172).

Portanto, na tentativa de compreensão desse processo, foram realizadas perguntas problematizadoras, ou seja, questionamentos dialógicos, com o objetivo de auxiliar a pessoa a pensar as situações de sua vida cotidiana a partir de novas perspectivas, possibilitando a ressignificação de suas experiências, dessa forma as perguntas problematizadoras assumem a função exploratória e de geração de crises dialéticas (CLARINDO, 2020).

Os questionamentos abordaram como elas se constituíram na sua história de vida; a construção das relações estabelecidas pelas pessoas atendidas; e qual importância atribuíam a essas relações, elencando reflexões para entender as novas configurações de relacionamento — e, principalmente, buscando estratégias possíveis para ressignificar esse processo. Tendo em vista a brevidade do atendimento, a psicoterapeuta adotou uma posição mais ativa, favorecendo tais reflexões a fim de gerar uma posição de maior autonomia da pessoa atendida frente aos desafios por ela apresentados.

Cabe ressaltar que cada atendimento realizado foi único. Nesse sentido, o que orientou o diálogo e os questionamentos foi a demanda, o momento histórico e o recorte da história de vida que cada uma das pessoas apresentou. Na perspectiva histórico-cultural, o terapeuta não segue esquemas pré-estabelecidos, mas se compromete com a descoberta das configurações subjetivas do sujeito, nas suas dimensões individual e social; sobre elas, ele age a partir das hipóteses diversas que vão adquirindo sentido e por meio da abertura de zonas de diálogo com o paciente (REY, 2007). O trabalho é dedicado a uma ampliação da consciência da pessoa, que acontece “como o aprofundamento de uma consciência que é sistêmica e que organiza as funções psicológicas superiores em quaisquer âmbitos da vida do sujeito, não apenas em relação ao reconhecimento de instrumentos alienantes” (CLARINDO, 2020, p. 70).

Portanto, o processo pelo qual a ressignificação de tais relações foi possibilitada foi correflexivo, no sentido de terem sido buscado caminhos de mudanças ativas conjuntamente com as pessoas atendidas acerca de suas posturas individuais frente aos seus relacionamentos interpessoais. Tais mudanças poderiam implicar numa transformação do contexto, na medida em que “sujeito, contexto, história, relações e lugares sociais são transformados como resultado da atividade do homem” (ZANELLA, 2004, p. 134).

Tendo em vista a complexidade das relações interpessoais e a delicadeza do momento histórico, os atendimentos buscaram refletir com as pessoas a respeito de seus posicionamentos diante da realidade concreta e o reconhecimento de seu papel social nas relações estabelecidas, para que fosse possível permitir a construção de novos sentidos e o estabelecimento de novas experiências de vida.

- Conflitos Existenciais

Muitas das questões conflituosas em relação ao indicador conflitos existenciais se relacionavam ao medo da morte; ao cerceamento da liberdade, tendo em vista o contexto da pandemia; aos sentimentos provenientes do isolamento, como a solidão e a necessidade de acolhimento; e aos sentimentos em relação a si mesmo, expressos por falta de atribuição de valor próprio, baixa estima e interrupção de planos e projetos futuros.

A intervenção praticada com as pessoas que expunham essa demanda esteve relacionada ao reconhecimento das potencialidades anteriores ao surgimento desses sentimentos, considerando uma ação terapêutica ampla, “dirigida de forma simultânea para atuar sobre as dimensões social e individual da subjetividade” (REY, 2007, p. 205). Ou seja, partimos da ideia de que mudanças subjetivas provocam mudanças objetivas e vice-versa.

Embora as questões existenciais tenham uma característica subjetiva, é inegável que tais conflitos surgem dessa relação estabelecida entre objetividade e subjetividade, dado que não existe vivência desvinculada da realidade objetiva, pois a vivência parte da relação concreta com a realidade vivida (MARTINS, 2016). O reconhecimento e a identificação das potencialidades possibilitaram reflexões a respeito de aspectos subjetivos em relação a aspectos objetivos, por meio de reflexões sobre as demandas das pessoas a partir de duas linhas temporais de desenvolvimento da queixa, antes do seu aparecimento e depois do seu aparecimento, na tentativa de perceber a influência das questões da realidade concreta na subjetividade.

Coêlho (2020) ressalta que, na perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento, o EU assume distintas posições. Cada uma se configura como personagem autônomo, que interage com os demais e narra sua experiência a partir do seu ponto de vista. Dessa forma, há uma multiplicidade de diálogos no interior de cada pessoa. No entanto, tais posições não assumem uma postura de linearidade, mas se estruturam de forma contraditória e ambivalente.

O fato de assumirmos uma infinidade de posicionamentos diferentes na experiência cotidiana e cada um deles possuir seu próprio agrupamento de significações e necessidades narrativas leva-nos à suposição de que algumas “posições do eu” entram em conflito umas com as outras, exigindo, negociação e ajustamento para coabitarem, em simultâneo, uma mesma “noção de eu” no autoral momento discursivo sobre o si mesmo. (COÊLHO, 2020, p. 108)

Pode-se dizer, então, que a relação conflitante entre as posições do EU, os papéis sociais assumidos na materialidade e as situações concretas do desenvolvimento é responsável pelo desencadeamento dos sentimentos de esvaziamento de si presentes nas queixas apresentadas pelas pessoas atendidas.

A psicoterapeuta buscou direcionar sua intervenção partindo da realidade objetiva das pessoas, para compreender as especificidades do seu modo de vida e ampliar a consciência que elas tinham de si, das relações e dos espaços sociais nos quais estavam inseridas. O objetivo foi possibilitar uma maior consciência, gerando novas constituições psíquicas que superassem as posturas auto alienantes e lhes conferissem maior autonomia (MELO; ROCHA, 2020).

Assim, por meio do estabelecimento do diálogo, o atendimento em Plantão se organizou a partir da contextualização e tomada de consciência dos mitos adquiridos pela pessoa acerca das suas impotências, relacionando-os aos processos de aprendizagem assumidos em sua história de vida (LIMA; CARVALHO, 2013). A partir dessa contextualização inicial, procurou-se despontencializar os comportamentos e ideias fossilizadas para instigar as pessoas ao interesse em re-visitar tais potencialidades.

Considerando as condições em que os atendimentos aconteceram, a postura ativa da psicoterapeuta e o aspecto interventivo de posicionar as pessoas atendidas ativamente frente à sua queixa, as intervenções foram realizadas tendo por base a Lei Geral do

Desenvolvimento, proposta desenvolvida por Vygotsky, que aponta para o processo de internalização de funções psicológicas superiores — isto é, de que todas as funções psicológicas aparecem duas vezes no desenvolvimento humano: primeiro, por meio das relações sociais, numa dimensão interpsicológica; e, depois, por meio de um processo de internalização no qual a pessoa se apropria dessa função mediada e, numa dimensão intrapsicológica, compreende sua funcionalidade e faz uso dela (VIGOTSKI, 2007).

Compreender essa dinâmica na consolidação das funções psíquicas permitiu à psicoterapeuta entender que a ação interventiva necessita ser mediada com intencionalidade a partir do uso de signos sociais compartilhados. Nos atendimentos, estes foram representados pela linguagem e favoreceram o processo de internalização. Foi a partir desta intencionalidade e dos questionamentos para inferência na “Zona de Desenvolvimento Iminente” (PRESTES, 2010) — como o que a pessoa consegue fazer sozinha; o que não poderia fazer sozinha; de que ajuda precisa; o que essa ajuda proporciona e qual será o passo seguinte; etc — que a psicoterapeuta buscou promover zonas de diálogo e, assim, possibilitar o desenvolvimento das pessoas atendidas.

Considerações Finais

O atendimento em Plantão Psicológico tem suas particularidades e limitações: além de ser pontual e breve, é focado no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento das questões mais emergentes trazidas pelas pessoas que buscam tal serviço.

Considerando a necessidade de realização remota dos estágios curriculares no período de pandemia e a experiência aqui relatada, conclui-se que a prática do Plantão Psicológico fundamentada na Psicologia Histórico-Cultural foi uma possibilidade fecunda para atender à demanda do contexto histórico e social, na medida em que muitas psicopatologias se intensificaram ou se configuraram como resultado da interação de diversos fatores sociais, econômicos, históricos e emocionais provenientes do momento. Observou-se que tais fatores podem ser cuidadosamente acolhidos e trabalhados a partir dessa abordagem em psicologia.

Por ser uma abordagem que se relaciona com a realidade concreta, a Psicologia Histórico-Cultural compreende o sofrimento psíquico como resultado de uma construção histórica e social que não endossa uma culpabilização da pessoa pelo seu sofrer. Essa perspectiva busca posicioná-la frente aos conflitos existentes, de forma que ela entenda as implicações subjetivas e objetivas do sofrimento em sua realidade e, a partir desse processo de conscientização, possa enfrentá-lo.

A realização do Plantão Psicológico na perspectiva histórico-cultural possibilitou um encontro criativo da teoria com a prática na oferta de um serviço que oferece uma intervenção psicológica pontual e não permite um aprofundamento na história do sujeito, mas, que possibilita o acolhimento, a contextualização do sofrimento psíquico e a potencialização das habilidades de enfrentamento da pessoa mediante a sua queixa.

Como limitações dessa experiência, cabe ressaltar que essa forma de promover a construção de novos sentidos para ressignificar a experiência vivida imediata precisa muitas vezes ser ampliada pela pessoa em outras oportunidades de atendimento para além da experiência do Plantão, visto que essa é uma estratégia breve de intervenção psicológica que prevê apenas de um a três encontros. Nesses casos, recomendou-se ao paciente o seu engajamento em um posterior processo de psicoterapia.

A experiência educacional desenvolvida nesse estágio curricular e aqui relatada foi extremamente importante para a formação profissional das autoras, estimulando à construção de possibilidades de intervenção breve a partir da perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. Dado o período histórico em que se deu essa prática, ela contribuiu também para a formação pessoal das autoras, na perspectiva de uma compreensão mais sensível e sócio-historicamente contextualizada do sofrimento humano.

Referências

ABDALA, C. A. et al. A Psicologia na Residência Multiprofissional em Atenção Primária à Saúde: relato de uma experiência complexa perpassada pela pandemia de COVID-19. **Práticas e Cuidado: Revista de Saúde Coletiva**, v.2, n. e13163, p. 1-21, 2022.

ALMEIDA, M. R. **A formação social dos transtornos de humor**. 417f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Faculdade de Medicina. Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Botucatu, 2018.

BARROS, C. C. A.; SEIXAS, M. F.; & CARDOSO, B. L. C. Qualidade de vida do profissional docente: aspectos relacionados à saúde física e mental. **Cenas Educacionais**, v.5, n.e15336, p.1-23, 2022.

CLARINDO, J. M. **Clínica histórico-cultural**: caracterizando um método de atuação em psicoterapia. 205f. Tese (Doutorado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

COÊLHO, J. P. L. Diálogos contemporâneos para o desenvolvimento de uma abordagem Histórico-Cultural do conceito de self. In: LIMA, A. I. B. (org.). **Cartas para Vigotski**: Ensaios em Psicologia Clínica. Fortaleza: Editora da UECE, 2020. p. 119-132.

DANZMANN, P. S.; SILVA, A. C. P.; GUAZINA, F. M. N. Atuação do psicólogo na saúde mental da população diante da pandemia. **Journal of Nursing and Health**, v.10, n.esp, p.1-14, 2020.

DIAS, M. H. S. S. M. A psicologia Sócio-Histórica na Clínica: uma concepção atual em psicoterapia. **Revista da Sociedade de Psicologia do Triângulo Mineiro**, v.9, n.1, p.67-77, 2005.

DIAS, M. S. L.; PEREIRA, Á. C. A constituição do sujeito: contribuições de Vigotski. In: DIAS, M. S. L. (org.). **Introdução às leituras de Lev Vygotski**: debates e atualidades na pesquisa. Porto Alegre: Ed. Fi, 2019. p. 153- 172.

FERREIRA, T. R. S.; ROLDÃO, F. D. Reflexões sobre a Psicopatologia a partir da Psicologia Histórico Cultural. **Revista Psicologia em Foco**, v.13, n.19, p.32-48, 2021.

FIOCRUZ, Fundação Oswaldo Cruz. **Cartilha Saúde Mental e Atenção Psicossocial- Recomendações para Gestores**. 2020.

GOMES, F. M. D. Plantão psicológico: atendimentos em situações de crise. **Vínculo – Revista do NESME**, v.9, n. 2, p 18-26, 2012.

JACINTO, P. M. dos S. Relato de experiência sobre estágio básico em Psicologia Social no modelo de ensino remoto emergencial. **Cenas Educacionais**, v.4, n.e10167, p. 1-16, 2021.

LACERDA, T. O. et al. O “novo normal” no fazer da psicologia. **Práticas e Cuidado: Revista e Saúde Coletiva**, v.3, n.e11731. p. 1-28, 2022.

LIMA, P. M.; CARVALHO, C. F. C. A Psicoterapia Sócio-histórica. **Psicologia Ciência e Profissão**, v.33, n.esp, p.154-163, 2013.

MARTINS, L. M. A dinâmica consciente/inconsciente à luz da psicologia histórico-cultural. **Revista Ibero-Americana De Estudos Em Educação**, v.11, n.2, p.679–689, 2016.

MELO, A. G; ROCHA, E. S. Por que uma Psicologia Clínica Histórico-cultural. In: LIMA, A. I. B. (org.). **Cartas para Vigotski**: Ensaios em Psicologia Clínica. Fortaleza: Editora da UECE, 2020. p. 23-44.

MEDEIROS, L. F. et al. Plantão Psicológico remoto: possibilidades e limitações. **Revista Extensão & Sociedade**, v.14, n. 2, p.177-188, 2022.

NERLING, M. A. M.; DARROZ, L. M. Tecnologias e aprendizagem significativa. **Cenas Educacionais**, v.4, n.e10956, p. 1-15, 2021.

PEREIRA, M. D. et. al. A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa. **Research Society and Development**. v.9, n.7, p.1-31, 2020.

PRESTES, Z. R. **Quando não é a mesma coisa**: análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil: repercussões no campo educacional. 2010. 295 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

REBOUÇAS, M. S. S.; DUTRA, E. Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. **Revista abordagem gestáltica**, v.16, n.1, p.19-28, 2010.

REY, F. G. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

REY, F. G. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

REY, F. G. **Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade**: uma aproximação histórico-cultural. Tradução Guillermo Matias Gumucio. São Paulo: Thompson Learning, 2007.

REY, F. G. **Subjetividade e saúde**: superando a clínica da patologia. São Paulo: Cortez, 2011.

REY, F. G. **O social na psicologia e a psicologia social**: a emergência do sujeito. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

ROLDÃO, F. D. et al. Reflexões sobre o trabalho do professor universitário: um olhar a partir da teoria de Vigotski. In: FARIA, P. M. F.; CAMARGO, D; LOPES, A.C. (Orgs.). **Vigotski no Ensino Superior**: concepção e práticas de inclusão. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. p.41-60.

SCORSOLINI-COMIN, F. Plantão psicológico e o cuidado na urgência: panorama de pesquisas e intervenções. **Psico-USF**, v.20, n.1, p.163-173, 2015.

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZANELLA, A. V. Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da Psicologia Histórico-Cultural. **Psicologia em Estudo**, v.9, n.1, p.127-135, 2004.